

A ANTIGUIDADE TARDIA (SÉCS. II – VIII): SOB O PRISMA DA NOVA HISTÓRIA POLÍTICA[1]

THE LATE ANTIQUITY (C. II-VIII AD): UNDER THE POLITICAL NOUVELLE HISTOIRE PERSPECTIVES

Renata Cristina de Sousa Nascimento[*]
Ivan Vieira Neto[**]

Em sua reflexão sobre a questão entre História e Ciências Sociais (2004), o historiador François Dosse concluiu que a materialidade da "trama dos acontecimentos" é fundamental para a elaboração do discurso, pois deve-se sempre levar em consideração as suas condições de emergência. Estas palavras iniciais são importantes para a compreensão do livro recentemente lançado por Renan Frighetto, intitulado **Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II – VIII)**. Trabalho este elaborado junto ao NEMED- Núcleo de Estudos Mediterrânicos da Universidade Federal do Paraná.

A análise do conceito de Antiguidade Tardia, ponto central na problemática discursiva construída pelo autor, não se separa do momento histórico no qual está inserido. Portanto, entre o texto e o contexto estabeleceu-se uma dinâmica de rupturas, mas também de continuidades. O que pode ser observado mais facilmente se privilegiarmos o campo político, como procede o autor. A Nova História Política parte da assertiva segundo a qual "o político é o ponto de partida para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula (reorganiza) os outros componentes sociais." A análise do que se caracteriza como Antiguidade Tardia perpassa pela construção do poder enquanto campo de representação do social, um processo de transformações baseado numa longa duração que teve o seu início ainda durante o Principado Romano.

[*] Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG-Campus Jataí), da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos – UFPR). E-mail: renatacristinanasc@gmail.com.

[**] Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é Professor Convidado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Integra os grupos de pesquisa LEIR e NEMED. E-mail: ivan.historia@ymail.com

[1] Resenha da obra: FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia**: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de Transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

Conforme a afirmativa feita pelo próprio autor nas primeiras linhas da apresentação da obra em análise, em toda produção historiográfica existe "uma estrutura pensada *a priori*", um processo cumulativo, uma constante reelaboração do passado. Historiadores como Arnaldo Momigliano (1989) e Peter Brown (1982, 1989a, 1989b) já discutiram em seus trabalhos as diversas transformações sofridas pelo sistema imperial romano durante o tempo em que transcorreu sua história, apontando o período compreendido entre os fins do séc. III e o séc. VIII como um contexto diferenciado, definido como um período de mudanças que se sucederam tanto em âmbitos sociais quanto políticos. Acordou-se designar este contexto por uma expressão que pudesse se referir à amplitude política e cultural característica desses séculos, pelo que se convencionou chamá-lo "Antiguidade Tardia". Na cena da produção historiográfica brasileira, o professor Renan Frighetto é, atualmente, o principal representante dos estudiosos que se dedicam à pesquisa sobre as especificidades desse período.

Embora a Antiguidade Tardia propriamente dita se inicie após a crise política que culminou na Anarquia Militar, a compreensão desse período em sua totalidade só é possível se levarmos em consideração o Império Romano em sua completa magnitude. Desde a instauração do Principado, passando pela desintegração do território romano após a invasão dos povos germânicos e pelas tentativas bizantinas de reconstrução das estruturas imperiais, até a desestruturação política do Império Romano do Ocidente e surgimento dos reinos romano-bárbaros na Europa, cada acontecimento sócio-político constitui parte fundamental da orientação histórica do mundo ocidental ulterior.

Renan Frighetto ressalta que a adoção política do Principado como forma de escolha do governante romano inaugurou um novo período, não obstante a permanência da aclamação das legiões e a aprovação do senado, fundamentais para o reconhecimento do *Princeps* como soberano legítimo de Roma. Já com o imperador Adriano (117-138), o Principado passou a adotar algumas características das ideologias monárquicas, investindo o *Princeps* com um estatuto superior, diferenciando-o dos demais cidadãos.

Um elemento marcante que caracteriza o séc. III, conforme nos aponta o autor, é a falência das cidades como principal centro de decisões políticas, com o constante afastamento da aristocracia em direção às *villas*. "Esta mobilidade social no universo da vida política das cidades deve ser entendida como outro sinal evidente da grande transformação característica da Antiguidade Tardia, que trará à cena política grupos que até então tinham escassa visibilidade histórica" (2012: 57). Os poderes regionais pouco a pouco começaram a ocupar espaços cada vez mais relevantes no interior do Império. Esta descentralização dos poderes será uma característica acentuada do mundo imperial tardo-antigo, no qual fatores internos e externos paulatinamente isolam as populações nos rincões menos centrais da administração política, fazendo com que surjam os *pagii*.

A divisão proposta por Diocleciano (284-305) à autoridade imperial romana, inicialmente através da Diarquia e posteriormente pelo desenvolvimento da Tetrarquia, marcou também a definitiva ascensão do grupo *equestre* ao poder. Essa adoção da repartição do poder foi vista como necessária para a manutenção da autoridade imperial, tentativa que visava estabelecer sucessões menos conflitantes, algo que, como se sabe, não se concretizou. As intensas disputas pelo poder e as constantes pressões dos povos dominados levaram o Império a uma série de reveses que acentuaram cada vez mais a crise político-econômica daquele complicado contexto. Dessa forma, reconhecemos uma possível relação entre essa desagregação política e o fenômeno da regionalização, parte das transformações mais radicais que aconteceram no período.

Eis um dos elementos mais importantes trazidos à luz pelas análises do autor para os pesquisadores que investigam as invasões bárbaras no mundo político romano. Percebemos, durante a leitura da obra, que as transformações ocorridas nesse universo imperial e a transição da Antiguidade para a Idade Média integram um processo histórico que se inicia na tensão sempre evidente entre aqueles que conquistam (os romanos) e os aqueles nunca foram conquistados (os germânicos), mas que termina no momento do inevitável confronto entre esses dois mundos distintos, palco de contatos que marcam a nova organização política da Europa mesmo após o desaparecimento das principais estruturas que constituem o Império Romano. O bárbaro, enquanto administrador de reinos nos quais convivem agora os seus companheiros tribais e também populações romanizadas, encontra a sustentação do seu poder régio "na consolidação de sua autoridade sobre um território e os grupos sociais neles existentes (...) e o estabelecimento de vínculos entre o rei visigodo e a aristocracia bárbara com os grupos de potentados autóctones, membros da antiga aristocracia senatorial romana" (2012: 144).

Outro elemento chave para a compreensão da dinâmica de transformações que ocorreram no mundo tardo-antigo é o cristão. Desde a expansão do Cristianismo no seio da sociedade romana pagã até seu estabelecimento como principal força cultural da Europa, o conceito de universalidade adotado no mundo romano irá forjar a necessidade de difusão desta religião, além da "transfiguração" da concepção imperial do *cidadão* numa orientação religiosa, na qual o indivíduo é definido como *cristão*. Isto denota que o sentimento de pertencimento que congrega os homens em torno de ideiais políticos se pautaria pelo principal ponto de heterogeneidade dos reinos bárbaro-germânicos, definidos pelas únicas instituições romanas que sobreviveram à desagregação do Império: a Igreja e o Cristianismo.

Portanto, a principal contribuição que nos fornece esta importante obra de referência escrita pelo professor Renan Frighetto é a observação, na longa duração, daqueles elementos que constituem os pontos de transição do Império Romano para os reinos romano-germânicos da Europa

medieval. Desde os aspectos políticos, percebemos que a desagregação do Império Romano e a formação dos diversos reinos germânicos integram-se num ambiente sócio-cultural determinado pela tradição romana, mas que foi apropriado e continuado, com as devidas modificações e adaptações, pelos governantes bárbaros. Dessa forma, definem-se os matizes duma sociedade emergente, a civilização cristã européia da qual somos, também com apropriadas transformações, os herdeiros e continuadores. Por esta razão, a pesquisa que está divulgada no livro **Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações (Séculos II – VIII)** é tão importante. Por meio das informações reunidas, analisadas e interpretadas pelo autor, podemos encontrar esse nosso passado romano, germânico, cristão e europeu revendo suas instituições, lançando à Europa um olhar crítico que o viés latino- americano pode lhe conferir.

Referências

BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity.** Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1982.

BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity**. London: WW Norton, 1989a.

BROWN, Peter. Antigüidade Tardia. In: VEYNE, Paul (Org.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989b. p. 225-300.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2004.

FRIGHETTO, Renan. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá, 2000.

FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia***:* Roma e as Monarquias Romano- Bárbaras Numa época de Transformações (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

MOMIGLIANO, Arnaldo (Org.). **El Conflicto entre Paganismo y Cristianismo en el Siglo IV**. Madrid: Alianza, 1989.

Artigo recebido em 29/04/2012, aceito 13/06/2012 e publicado em 20/12/2012.